

## DOSSIÊ

# “FILOSOFIA NA AMÉRICA LATINA: OS SIGNIFICADOS DE ABYA YALA”

## EDITORIAL

Terra madura, terra viva, em florescimento: Abya Yala. Mais do que um vocábulo descolonizador das semânticas da colonialidade, a autodesignação dos povos originários se ergue, hoje, como contraponto à expressão “América” consolidada no século XIX pelas elites coloniais integradas, historicamente, à autonarrativa europeia.

A modernidade obscureceu saberes e conhecimentos milenares produzidos no espaço que se localiza entre o Rio Grande e a Terra do Fogo. Subalternizou-os à condição de *doxas*, lendas e contos folclóricos e, ao mesmo tempo, produziu teólogos, filósofos e cientistas que resvalaram sobre a madurez e a vivacidade epistêmica de Abya Yala, a colonialidade do poder (Aníbal Quijano) e o parasitismo social (Manoel Bomfim), ignorando assim preciosas epistêmes.

Em sintonia com o propósito descolonizador que gradativamente tem se erguido contra as diversas formas de colonialidade e parasitismo nesse continente, o presente dossiê reúne nove artigos que anunciam os significados de Abya Yala. São pensamentos marginais que desafiam a hegemonia das epistemologias ocidentais, pois expressam, em duas sessões,

sua vivacidade, madurez e capacidade epistemológica. A primeira sessão agrupa artigos de pensadores da Suíça, México, Peru, Chile e Brasil que, em sua militância, se ocupam em demonstrar e propagar a existência de uma tradição do pensamento *abyaylano*: resistência, resiliência e crítica ao colonialismo. A segunda sessão nos traz os desdobramentos epistêmicos de tal crítica na atualidade, apresentando-nos a vivacidade dessa terra, bem como a maturidade dos seus nativos que reconhecem a permanência de colonialidades e parasitismos.

Abre a primeira parte o artigo “El mal como desequilíbrio. Apuntes interculturales de la concepción andina del ‘mal’”, do filósofo suíço Josef Estermann, reconhecido propositore da filosofia andina. Conciliando filosofia e teologia, Estermann nos apresenta a concepção do “mal” presente entre as civilizações estabelecidas em torno da Cordilheira dos Andes como contraponto à visão ocidental. Ensaia uma *hermenêutica diatópica* entre o paradigma do mal ocidental e o paradigma cosmo-espiritual andino, demonstrando as dificuldades de diálogo inter-epistêmico, intercultural e inter-paradigmático entre as duas civilizações, o que contribuiu, segundo o filósofo, para o desenvolvimento de uma fenomenologia do mal por parte dos invasores europeus de Abya Yala. Seu texto extrapola posições eurocêntricas que reduzem Abya Yala ao lugar de inspiradora de posições marginais. Além disso, Josef Estermann a apresenta como *lugar filosófico*.

Enquanto *sitio* filosófico, a “Terra Madura” produz filhos como o andino José María Arguedas que poetiza críticas à colonialidade presente nesse continente. Reconhecido tradutor da literatura quíchua, Arguedas é “objeto” de análise intercultural em “Conocimiento e interculturalidad em el mundo andino. Uma perspectiva del poema ‘Llamado a algunos doctores’ de José María Arguedas” empreendida pelo filósofo peruano Jaime Villanueva Barreto. Este professor e pesquisador da Universidad Mayor de San Marcos, Peru, apresenta a concepção de saber do mundo andino buscando demonstrar o possível diálogo com o saber ocidental. Villanueva Barreto ressalta o fenômeno do *tinkuy* que coloca a crítica de Arguedas não como oposição irreconciliável aos pensadores do ocidente, mas como promotora da convivência entre os diferentes.

O filósofo e teólogo mexicano Mauricio Urrea Carrillo nos provoca em “‘Entre el libro abierto y el despejado cielo’. Em busca de la identidad nacional para los nuevos tempos”. Reverbera Abya Yala como *lugar filosófico* ao trazer as ideias do filósofo e político José Vasconcelos enquanto molas propulsoras tanto para a imersão do pensador em questão

no movimento revolucionário mexicano - contra a opressão - quanto para a reconstrução da história nacional do México. Carrillo nos oferece *Ulises criollo*, grande obra de José Vasconcelos analisando-a à luz da interculturalidade. Para tanto, destaca a filosofia latino-americana enquanto filosofia da realidade concreta e própria da nossa América. Destaca também a mestiçagem como o maior exemplo para vivermos na fronteira.

Mais um nativo de Abya Yala é ressaltado neste dossiê. Francisco Miró Quesada Cantuarias, um dos maiores filósofos da “Terra em Florescimento” nos é apresentado pelo peruano Miguel Ángel Polo Santillán, investigador e professor da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, autor do artigo “El humanismo ético-racional de Francisco Miró Quesada Cantuarias”. Da lógica à ética, tendo como eixo o humanismo, primeiro como atitude e depois como ideologia, Miró Quesada, pontua Santillán, acredita no humanismo como ideología de transformação social para eliminação de toda e qualquer exploração do homem pelo homem. Não nos deixa esquecer o texto de Miguel Ángel Polo Santillán, da célebre e valorosa frase que sinaliza Abya Yala como *lugar filosófico*: “mientras haya un solo oprimido habrá que seguir luchando” (Miró Quesada, 1969, p. 101).

A filósofa chilena Lorena Zuchel e a cientista da religião brasileira Cristina Borges encerram a primeira sessão deste dossiê em uma *pareja intercultural*, expressão da madurez de Abya Yala. Trazem a filosofia intercultural como via relevante para se pensar e discutir as diretrizes que concedem os contornos da realidade atual. No artigo “Sobre los congresos internacionales de Filosofía Intercultural y sua importância para la filosofía y el pensar actual”, as autoras exibem a metodologia utilizada pelos mais conhecidos e destacados filósofos interculturais que têm sustentado as trocas de experiências e ideias em congressos internacionais responsáveis por reunir intelectuais de várias partes do mundo para discutirem os diversos problemas que assolam o planeta e que, especialmente, são obstáculos ao estabelecimento de uma cultura da paz. Ressaltam as autoras que os encontros periódicos se inserem em uma dinâmica intercultural com vistas à busca por soluções para a fome, a miséria e a violência mundiais. Importante mencionar que tal iniciativa e proposta de diálogo partem daqueles que sofrem colonialidades e parasitismos.

Os artigos da primeira parte jogam luz para a boa leitura dos que se seguem na segunda sessão. A cientista da religião Priscila Kikuchi discute a relação justiça reprodutiva-decolonialidade-e-religião. A autora, em “Justiça reprodutiva, decolonialidade e religião: alguns aportes teóricos para um começo de conversa”, sugere que o conceito de justiça

reprodutiva possui uma potência decolonial que denuncia a existência de um sistema que nega o acesso aos corpos racializados à saúde e a autodeterminação reprodutiva, elaborando uma crítica pertinente à concepção dos direitos reprodutivos.

José Maria Carvalho traz a contribuição de James Cone e a sua teologia negra da libertação. O autor propõe demonstrar em que consiste a experiência da teologia negra originada nos EUA na década de 1960 e como a mesma se apresenta como ferramenta epistêmica na luta pela libertação do povo negro. Ao se debruçar sobre os capítulos II e III da obra *The God of the Oppressed (O Deus dos oprimidos)*, livro publicado por James Cone em 1975, o autor salienta que não é seu intuito fazer teologia ou apologia ao pensar teológico cristão dos negros americanos. Todavia, em “O espírito negro de Deus: a propósito da Teologia Negra da Libertação de James Cone”, deixa claro que, o que realmente interessa é o espírito que motiva tal narrativa, enquanto ferramenta metodológica e instrumento de luta por libertação frente ao colonialismo e à hegemonia da epistemologia europeia e americana que oprimem o povo negro.

Letícia Rocha, por sua vez, em “Teologia da Libertação e Teologia Feminista: tensões, discursos e recepção entre as mulheres das CEBs em Montes Claros/MG” se ocupa de uma discussão acerca das origens e do desenvolvimento da Teologia da Libertação e Teologia Feminista, bem como das tensões epistemológicas entre ambas e a recepção dessas pelas mulheres das CEBs da cidade de Montes Claros-MG. Essa cientista da religião e ativista do feminismo latino-americano nos recorda que estas são teologias contextuais ou descolonizadoras, circunstanciadas e condicionadas ao espaço sociocultural, histórico e religioso emergente do sul global, que evocaram e deflagraram as situações de opressões e empobrecimento em que vivem parcela da população das Américas e Caribe.

June Alfred Melo Alves e Flávia Almeida Pita apresentam conceitos e formulações teóricas da filósofa, socióloga, matemática e ativista mexicana Raquel Gutiérrez Aguilar. Segundo o artigo, a confluência dessas áreas do saber no pensamento de Raquel Gutiérrez propõe uma epistemologia da transformação social *desde baixo*, formulada a partir de processos de luta que ocorreram e ocorrem na América Latina. Em Raquel Gutiérrez observa-se uma compreensão dos processos de lutas sociais desde uma perspectiva autônoma que desvela a instabilidade da ordem da acumulação do capital e do mando político, ao mesmo tempo em que se centra no pertencimento coletivo de um horizonte comunitário-popular. O artigo que possui o título “Uma epistemologia da transformação social *desde baixo* e no

feminino” reflete ainda, em linhas gerais, a “noção do comum”, que realoca as divisões entre o público e o privado de modo a fornecer uma compreensão mais adequada dos processos de luta e do que a autora denomina “política no feminino”.

A leitura apurada e interessada desses artigos coloca leitoras e leitores em contato com *nuestra tierra* enquanto lugar de pensamento de ontem e de hoje que converge para um eixo central: crítica e ativismo *abyaylano*. Ótima oportunidade para o enfrentamento da colonialidade do poder e das variadas formas de parasitismo social instaladas com a modernidade. Aqui a marginalidade ocupa o centro.

Os organizadores:

Ângela Cristina Borges

José Maria Pereira Carvalho